

Vamos conversar sobre o autismo?

O autismo, cujo nome técnico é Transtorno do Espectro Autista (TEA), é um distúrbio no desenvolvimento cerebral. Ele é confundido geralmente com uma doença, porém é cientificamente considerado uma síndrome, ou seja, é uma condição permanente do indivíduo. Além disso, o autismo não têm cura.

Por ser um transtorno do neurodesenvolvimento, os déficits de desenvolvimento se manifestam, geralmente, na primeira infância – do nascimento aos seis anos de idade – e variam desde limitações específicas na aprendizagem e controle motor até prejuízos nas habilidades sociais e na comunicação.

O autismo é considerado um espectro porque engloba indivíduos com diversas características e com variações na severidade das manifestações dos sintomas – de leve, moderado a grave. Em outras palavras, **NÃO HÁ UM AUTISTA QUE SEJA IGUAL A OUTRO.**



O dia 02 de abril foi instituído pela ONU, em 2008, como a data para se trabalhar a conscientização em relação ao TEA e, com isso, desmistificar questões que geram preconceito em relação às pessoas autistas.



As pesquisas sobre o TEA ainda não chegaram a uma conclusão sobre a sua origem, mas os estudos avançaram, apontando a relação entre múltiplos fatores, principalmente genéticos.

Porém, o que se pode notar é o aumento no número de prevalência do autismo ao longo dos anos. Segundo dados do Center of Diseases Control and Prevention (CDC), órgão ligado ao governo dos Estados Unidos, a prevalência de casos de autismo era de 1 em cada 110 crianças que nasciam. Em 2021, os dados são de 1 caso de autismo a cada 44 crianças.



Especialistas apontam que esse aumento expressivo pode ser decorrente de uma maior identificação de casos, associada ao maior número de estudos e pesquisas sobre o TEA.

No Brasil, os direitos dos autistas estão regulamentados pela Lei n. 12.764/2012, também conhecida como Lei Berenice Piana, que institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com TEA.

Mas a carência de Políticas Públicas que promovam a inclusão das pessoas autistas ainda é um dos maiores obstáculos para que elas possam se fazer presentes nos mais diversos espaços sociais.

FONTES:

<https://www.ufrgs.br/jordi/171-autismo/o-que-e-autismo/>
<http://www.usp.br/espacoaberto/?materia=um-retrato-do-autismo-no-brasil>



O diagnóstico e o tratamento precoce do TEA são fundamentais para haver efetividade nos resultados das terapias implementadas.

Beatriz Gianna, minha filha de 2 anos e 10 meses, iniciou as terapias com 1 ano e meio de vida, e posso afirmar, sem titubear, que desde então, os resultados são maravilhosos.

Elá passou a fazer um contato visual adequado, desenvolveu a concentração nas atividades propostas, reduziu os comportamentos inadequados e os movimentos repetitivos.

Depois da surpresa e angústia do diagnóstico, iniciar o tratamento logo em seguida, foi determinante para alcançarmos melhores resultados mesmo em curto espaço de tempo.

Agradeço a Deus a oportunidade de poder oferecer os cuidados necessários para minha pequena crescer e desenvolver-se sempre mais.

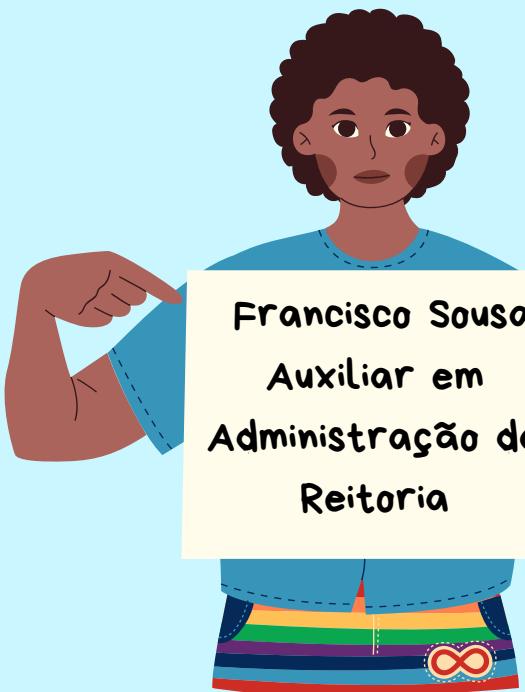


Dr. Luiz Eduardo
Cavalcanti
Médico Psiquiatra
da Reitoria

O Transtorno do Espectro Autista pode afetar entre 1-2% da população, com estimativas semelhantes na infância e na vida adulta, e possui uma abrangência muito grande de apresentações clínicas, exigindo profissionais bem preparados para fazer o diagnóstico e iniciar as intervenções terapêuticas precoces, fundamentais para uma boa evolução.

É importante que a família e os educadores, bastante presentes no desenvolvimento da criança, também tenham acesso a informações sobre o Autismo, para que também possam participar e contribuir.





Sou pai de uma menina que com dois anos de idade não tinha um desenvolvimento típico. Ao procurarmos ajuda médica veio a suspeita do autismo (diagnóstico confirmado dois anos depois). Quando eu e minha esposa recebemos a notícia ficamos preocupados, pois não entendíamos nada sobre o assunto. No nosso caso, foi extremamente importante aceitar a condição da nossa filha e procurarmos meios de oferecer a ela tudo que poderia ajudá-la, sem mesmo termos a certeza do que se tratava. Assim, iniciaram as terapias, com acompanhamento de uma equipe multidisciplinar. Cinco anos se passaram e hoje temos a convicção que todo o amor, aceitação, esforço, dedicação e compreensão estão sendo fundamentais para o seu desenvolvimento.

Acreditar que uma pessoa com autismo possa ocupar os seus espaços na sociedade e mostrar o quanto é capaz de desempenhar os mais diversos papéis sociais (como estudante, como pai ou mãe, como profissional, como marido ou esposa de alguém, etc) é a nossa tarefa diária, enquanto cidadão. Ser mãe de uma criança com autismo me faz não só ter essa crença, mas levar informação às pessoas sobre o autismo e lutar para que todos os direitos dela sejam respeitados.

